

Extraído do Livro: O OUTRO LADO DO MEIO AMBIENTE

Autor: José de Ávila Aguiar Coimbra

Páginas 85 a 104

c) A cidade, esfera da vida em sociedade

Entre os cientistas sociais que se têm ocupado do fenómeno urbano, um há que foi definido como o "sociólogo urbano" por excelência: seu nome é Louis Wirth. Egresso da Ecologia, ele estava preparado para analisar a cidade como "estilo de vida". Wirth observa: "Em nenhum lugar do mundo a humanidade se afastou mais da natureza orgânica do que sob as condições de vida características das grandes cidades. O mundo contemporâneo já não mais apresenta o quadro de pequenos grupos humanos isolados, espalhados através de um vasto território, como Sumner descreve a sociedade primitiva. A característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna é a sua concentração em agregados gigantescos em torno dos quais está aglomerado um número menor de centros e de onde irradiam as idéias e as práticas que chamamos de civilização⁵⁴."

Isto decorre de uma realidade natural do ser humano: ele é *perfectível*, vale dizer, *não-acabado*. Perfeito é o que já está completo ("*per*", inteiramente + "*factum*", feito). Como perfectível que é, o ser humano busca os seres que possam completá-lo para tornar-se *per+feito*. Ele tem necessidade desse socorro. Não seria exagero afirmar que *todos* os seres têm possibilidade de completar-nos; todavia, *simile cum similibus*, os seres humanos são os que em sociedade melhor se completam entre si. O cacique nosso amigo adverte-nos que "se todos os animais acabassem, os homens morreriam de solidão espiritual"; porém, isolado do convívio humano, cada homem morreria de inanição total. "Homem algum é uma ilha", e poucos dentre nós teriam condições para reviver um Robinson Crusoe.

Eis, em última análise, porque nos agrupamos em cidades e porque as cidades, elas mesmas, se agrupam umas às outras, constituindo monstruosas conurbações. Tudo vem do impulso da vida. Paradoxalmente, tudo termina por colocar problemas para a qualidade-de-vida.

Neste item o que poderemos dizer da Cidade?

Ora, ela é o lugar que o Homem adaptou para centro de convivência e trabalho, organizando nela o tempo e o espaço, transformando-a intensamente — e quase sempre de maneira desordenada — no seu ambiente. Em vista dessa ação antrópica, a cidade é um *ecossistema artificial*. A comunidade citadina não é uma biocenose normal, porque uma só espécie — a humana — domina e regula todos os demais biontes. O Sol não exerce funções energéticas normais, suas radiações esbarram com o cimento e o asfalto do tecido urbano e não são aproveitadas pelos produtores da cadeia trófica. Os vegetais na cidade têm função meramente decorativa e os animais que os danificam (menos o famigerado animal-homem, sempre impune!) são combatidos como pragas. No que concerne aos animais, os que vivem no espaço urbano, foram "importados" pelo Homem e entre eles encontram-se alguns dos seus inimigos declarados, tais como os ratos e as baratas; esta aberrante seleção zoológica urbana vive dos restos da mesa do Homem e não constitui uma cadeia alimentar, nem mesmo os ratos e os gatos que só se vêem esporadicamente. . . As cadeias tróficas existentes na cidade são apenas aquelas permitidas, iniciadas e mantidas pela espécie dominante; esta, por sua vez, faz vir de outros ecossistemas a energia alimentar, a fóssil e a industrial, das quais necessita para múltiplos fins.

Com efeito, é da cidade que disparamos nossas ações tecnológicas sobre a Natureza; dela partimos para criar ecossistemas artificiais que sirvam à nossa alimentação e às muitas modalidades de produção que empresariamos. Nesta perspectiva, alguns cientistas sociais consideram a cidade como o *centro mecânico de um ou mais ecossistemas*.

A cidade é por excelência o ambiente do Homem. Contudo, suas disfunções e caráter opressivo transformam-na ironicamente num "ambiente inumano". Porque achamos desumanas e feias todas as nossas grandes cidades, salvo recantos e bairros privilegiados? — É porque elas nos sequestram de nossos saudáveis ambiente naturais. Isto explica o paradoxo de a Cidade dos Homens ser desumana e o deserto tornar-se mais respirável do que a metrópole. Se prestarmos atenção ao consenso vulgar, uma cidade é considerada e suspirada como "humana" na medida em que ela se aproxima da Natureza e facilita o relacionamento natural e descontraído entre seus habitantes. Partindo-se para o oposto, as anômalas cidades que construímos no turbilhão da nossa civilização vêm sendo apontadas como nefandos monstros que nos transformam, a nós próprios, em máquinas e terminam por esmagar-nos de vez. Soltamos lamentos e gritos emocionais maldizendo a despersonalização que nos acomete, mas é claro que não estamos inclinados a abdicar facilmente do conforto que a cidade nos oferece. Resta-nos rever nossas aspirações e, também, outros fatores determinantes do relacionamento com o nosso entorno, come o planejamento e as tecnologias.

Achamos que é indispensável promover a aproximação da vida urbana com a natureza. Como se fará isso? Certamente não há de ser em termos consumistas ou de um *way of life* sofisticado. Antes do mais, uma vida "natural" se realizará mediante a satisfação de exigências fundamentais, para o *fato biológico*, por exemplo, o saneamento e a qualidade da habitação, a presença de áreas verdes e a funcionalidade do desenho urbano, a qualidade do que se consome na alimentação e o controle das poluições. Parece pouco, mas só isto já é suficiente para recolocar em questão *toda* a política de desenvolvimento urbano e — mais ainda — os padrões da vida citadina.

O cancionero popular brasileiro contém muitos elementos de lendas e fenômenos naturais, assim como de tradições folclóricas, que traduzem a alma do povo integrada na ecologia local. A partir dos anos 60 a Música Popular enveredou para temas sociais e expressões de protestos.

Além de LUIZ GONZAGA (1912-), pernambucano, deve ser lembrado DORIVAL CAYMMI (1914-), baiano, de acentuado sabor lírico-sentimental.

54. WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G., org. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro, Zahar, 1967, p. 97-122.

Não estamos habituados, neste Brasil adolescente, a pensar em termos de qualidade-de-vida urbana. Surpreendi-me ao ler um estudo de Georg Simmel, teórico alemão da Sociologia Formal, sobre a metrópole e a vida mental; esse trabalho foi publicado pela primeira vez em 1902, mas, ao percorrê-lo eu me via a mim mesmo dentro dele, pessoas que Você e eu conhecemos também ali se encontravam, como se fôssemos todos personagens de novela. Simmel tem tiradas sócio-psicológicas brilhantes e não poupa a sofisticada atitude *blasé* do típico habitante da metrópole moderna (a de 1902...). Entre outros aspectos característicos, George Simmel observa que a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, origem do caráter sofisticado da vida psíquica metropolitana. Todas as *relações emocionais* íntimas entre pessoas são fundadas em suas individualidades, ao passo que, nas *relações racionais*, trabalha-se com o Homem como se fosse um

número, em si mesmo indiferente para isto ou aquilo. Eis a que nos reluzimos nós, os biontes urbanos! Para Simmel, desde que se difundiram universalmente os relógios de bolso (agora são os "badalados" Quartz com bip), a técnica da vida metropolitana é inimaginável sem a mais pontual integração de todas as atividades e relações mútuas em um calendário estável e impessoal. Neste ponto Simmel, germânico que foi, teria sustos se ressuscitasse hoje em território brasileiro. . . mas, o seu diagnóstico continuaria — e continua — válido porque a civilização da máquina e do computador é inexorável; nem os temperamentos tropicais poderão resistir a ela. A advertência mais atual de Georg Simmel para as debilidades da qualidade-de-vida urbana está na chamada de atenção para a *atitude blasé*. Estímulos contrastantes, sensacionalismos, emoções as mais desencontradas são *impostas* aos nervos, em rápidas mudanças e em compressão concentrada⁵⁵. Simmel não conhecia televisão nem os "sons incrementados" nem a sofisticação da mídia eletrônica: imagine-o a viver entre nós. Para o *blasé* a vida acaba necessariamente perdendo a graça, e o cidadão saturado e indefeso terminará por empreender fugas e alienações, entre as quais vemos anunciadas até em "viagens *grafitti* as famosas viagens no expresso LSD". Isto é vida?!

Do helicóptero da imaginação podemos observar a incrível concentração de incômodos ambientais à *volta da nossa residência*, trabalho e lazer. Você já atentou para a *barafunda*, em seu âmbito de vida? Começa pelo fato de que esse próprio âmbito se desloca com Você para onde Você vai, todos os dias, todas as semanas, os doze meses do ano, e Você está em pleno centro de um rancoroso cortejo de problemas ambientais.

55. SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G., org. O Fenómeno Urbano. Rio de Janeiro, Hazar, 1967. p. 13-28.

Quarteirões amontoados, ruas congestionadas, praças amarrotadas traduzem a desorganização do espaço. Buzinas mal-educadas e impacientes, os escapamentos "envenenados", o vozerio fora de hora, sons que estouram os tímpanos atravessando os vidros dos carros — eis a mais desenfreada cacofonia que invade o éter. A gasolina queimada, a pegajosa fumaça diesel dos motores mal regulados, cheiros estranhos de proveniência não identificada viciam as narinas. A descuidada manutenção das vias públicas, a debilidade endêmica do arvoredo, a feiura ou a cafonice da publicidade comercial fazem da paisagem urbana uma agressão permanente. Minha gente, a cada passo deparamos com o "desplanejamento urbano" institucionalizado.

Fritz Lang em "Metrópolis", filmado em 1926, retrata as tensões do ambiente urbano sob o ângulo social, mas, não é só; seu trabalho patenteia a impessoalidade e a estereotipia que rondam a vida na grande cidade, a frieza das relações e da própria paisagem urbana desencadeadores de verdadeiras esquizofrenias⁵⁶. A que conclusões chegar quando penso nesta desditosa metrópole com mais de dez milhões de habitantes, que ainda não tem no seu desenho um único quarteirão — para não dizer um bairro — planejado para o ano 2000 que nos aguarda logo ali adiante?!... O tecido urbano sofre de elefantíase ou furunculose; suas entranhas são atacadas de verminose e flatulências; o sistema viário é hemiplégico e sujeito a trombozes; os serviços públicos estão afetados de paralisia; a fantasia urbana sofre de alucinações; o sistema nervoso de metrópole se insensibiliza. A cidade se alimenta mal e defeca pior; e a cabeça sempre a girar. Nossas aglomerações urbanas são organismos doentes, quanto maiores tanto piores. Serão incuráveis as nossas cidades? Talvez um milagre. . .

Você se assustou? ficou chocado com esta ladainha de misérias? Confesso-lhe que eu também estou, embora esta tirada tivesse saltado aos borbotões, reprimida que estava sob o fardo de nossa rotina cotidiana. Mas, é isto mesmo. Infelizmente temos sido narcotizados pela indolência, alucinados por um falso progresso, viciados pela perda da nossa própria identidade. Habitamo-nos fatalisticamente ao "deixa ficar como está" e preferimos pensar que um dia, um dia, as coisas se resolverão por si. Nesse meio tempo, Você, eu e milhões de outras pessoas temos nossos dias abreviados e não veremos as coisas resolverem-se. Enchemo-nos de preocupações consumistas e não alcançamos a saída do buraco. Como a luz que atrai as mariposas, as cidades chamam sempre, sempre mais gente, e crescem, e incham, e se deterioram e apodrecem antes de amadurecer. Você dirá que perdi o encanto do mundo; não é assim. Porque ele é belo e creio nele, eu grito: *Clama, ne cesses, quasi tuba exalta vocem tuam!* É preciso que as pessoas conscientes rondem por sobre as muralhas da cidade ameaçada, não como Cassandras, mas como Enéias: se Tróia está destruída, uma Roma se erguerá.

Trata-se de uma obra-prima dos tempos heróicos do cinema, *Metrópolis*, de FRITZ LANG (1890-1976), Alemanha, 1926. Com Brigitte Teilm, Alfred Abel, Gustav Froelich, Rudolf Klein-Ragge, Fritz Rasp. No cinema mudo, uma fantasia sobre a cidade futurista e sua sociedade mecanizada. O filme foi retrabalhado em 1984, por Giorgio Mowdes, que reduziu a versão original de 120 para 87 minutos, acrescentando-lhe música e tonalidades coloridas.

Falamos de qualidade-de-vida sob o ângulo do *fato biológico*. Neste caso, as condições de vida no *bioma urbano* comportam denúncias e esperanças.

Na trilha das *denúncias* é necessário termos presentes os dez itens a seguir:

QUADRO 2: Problemas de saúde urbana

- 1- *Enfermidades laborais*; vinculadas com tarefas industriais; tóxicas, posturais, inflamatórias, degenerativas.
2. *Enfermidades por contactos massivos*: resfriados comuns, viroses, erupções em crianças.
3. *Enfermidades por contaminação ambiental*: várias patologias agudas e crônicas, notadamente as respiratórias e digestivas, doenças cutâneas.
4. *Doenças por relações intra e intergrupais anômalas*: doenças venéreas, neuroses e psicopatias diversas (AIDS?).
5. *Processos patológicos relacionados com a marginalização social*: delitos contra pessoas e bens, prostituição, delinquência infantil e juvenil.
- 6- *Processos patológicos relacionados com a marginalização económica*: hipoalimentação, desnutrição, carências específicas.
7. *Processos patológicos relacionados com a marginalização cultural*: além de alguns casos considerados em itens anteriores, cabem particularmente aqui as patologias derivadas de hábitos anti-higiênicos, agravamento de doenças pela ação de curandeiros.
- 8- *Acidentes*: de trânsito, do trabalho, domésticos.
- 9- *Patologias derivadas do ritmo de vida e hábitos perniciosos*: alienação, ansiedade, angústia, compulsão, incomunicação entre as gerações, toxicomanias e psicotrópicos, tabagismo,

alcooolismo; não esqueçamos também mal-uso de medicamentos.

10. *Patologias condicionadas e desencadeadas por causas complexas, de prevalência urbana:* coronariopatias, úlceras gástricas e duodenais, arteriopatas periféricas, obesidade, câncer (especialmente do pulmão), homossexualidade.

Esta longa lista de males não era conhecida dos deuses olímpicos que entrevistamos em páginas anteriores. Nós, os assim chamados "miseros mortais", conhecemo-la bem, senão dentro de casa, ao menos através do relacionamento cotidiano. E ninguém poderá garantir-nos que amanhã, numa hora qualquer, algum daqueles agourentos personagens não venha bater à nossa porta. A paz do Nirvana, a água e os frutos do Éden, o néctar e a ambrósia do Olimpo ainda não estão ao nosso alcance. Vamos sobreviver, não digo com precaução e água benta apenas, mas com o que está aí e pode ser melhorado pelo nossa consciência ecológica.

Na trilha das *esperanças*, o Urbanismo, a Engenharia Sanitária, a Medicina Preventiva e outros agentes profissionais poderão oferecer contribuições específicas para a qualidade-de-vida urbana, mediante uma análise das circunstâncias ambientais em que as comunidades humanas desfiam a vida do dia-a-dia: o *espaço nutrido* ou de abastecimento, de onde se obtêm alimentos, água e energia; o *espaço viário e de comunicações*, o *espaço da produção industrial*, o *espaço residencial* e, por fim, o *espaço recreativo*. Em toda parte estão presentes os problemas socioeconômicos, de circulação urbana, as questões estéticas e os problemas espirituais ou intelectuais. Muitos deles afetam seriamente a qualidade-de-vida como *fato existencial*, pelo que não nos caberia abordá-los no momento. Na medida em que interferem no *fato biológico*, condicionando-o e afetando-o, deverão ser equacionados com a esperança de uma solução. Neste caso, os *problemas de higiene* devem ser encarados de frente, como é o caso da habitação e das condições sanitárias essenciais, a limpeza pública e a busca de espaços verdes.

A Cidade não é feudo de Belzebu. Ela tem uma história bonita, repleta de lances de coragem e magnanimidade. Lewis Mumford, em sua obra magnífica "A Cidade na História", já reconhecida como clássica no gênero, fala-nos das origens, transformações e perspectivas da Cidade⁵⁷. Dizem graciosamente os "Saltimbancos" que "a cidade ideal do cachorro tem um poste por metro quadrado"; com tal recurso os biontes caninos não terão dificuldades em seus passeios diários pelas ruas. . . Você vê que se trata de uma relatividade óbvia: da cidade dos "Saltimbancos" com as suas peculiares exigências até a *Civitas Solis* de Campanella, perdida nas esferas da utopia, há um figurino inesgotável de modelos urbanos dentro da biosfera⁵⁸.

57. MUMFORD, Lewis. *A cidade na história*. Trad.: Neil R. da Silva. Belo Horizonte, Itatiaia, 1965. 2. v.

Lewis Mumford, cientista social norte-americano, foi professor na Universidade de Pensilvânia. Com sua cultura humanista dominou o tema urbano sob diversos aspectos. Escreveu ainda *A Cultura das Cidades* (1938), *A Conduta da Vida*, *A Condição do Homem*. Sofreu influência de Patrick Geddes, biólogo, educador e urbanista escocês. Pode-se dizer que Lewis Mumford abriu os caminhos da Ecologia Urbana.

58. Os *Saltimbancos*. Adaptação de um conto dos Irmãos Grimm por CHICO BUARQUE DE HOLANDA. Gravação em disco Som Livre. Da fantasia à utopia, passamos para:

TOMMASO CAMPANELLA (1568-1639), filósofo italiano, combateu o aristotelismo e sustentou que a Filosofia devia basear-se na experiência. Foi perseguido sob acusação de heresia e conspiração política. A sua *Civitas Solis*. *A Cidade do Sol*. de inspiração platônica, estabelece as bases de uma cidade ou estado ideal.

Visto que Deus não o é dos mortos mas dos vivos, a cidade ideal é a dos vivos e não a dos mortos. É

com esta razão que bradamos e continuaremos a bradar por uma qualidade-de-vida urbana às vésperas do século XXI.

O helicóptero retornou. Este inseto metálico, com asas em uma forma de hélice, foi copiado de modelos naturais após séculos de observação de entomólogos e ornitólogos (que raças estranhas, estas duas!). Zumbindo e espadanando os ares ele sobrevoou o nosso mundo construído, trazendo no seu bagageiro apreciável volume de impressões e perguntas. Como este inseto metálico, não teremos outras mil possibilidades de copiar a Natureza para atendermos a outras mil necessidades? Ou melhor não poderemos reduzir as imitações para preferir o que é genuíno? "Cuidado com as imitações!"

O realismo da vida moderna, o próprio *fato existencial*, não nos permite alimentar ilusões sobre o destino da sociedade. Estamos "condenados" a desenvolver-nos e a administrar o mundo. Não poderemos voar sobre libélulas. Não poderemos dispensar as imitações, mas devemos estar atentos às falsificações. Enquanto imitarmos a Natureza estaremos junto dela, reproduzindo-a, perpetuando-a. Quando a falsificarmos estaremos falsificando nossa própria vida. A sabedoria do Cosmos, o bom-senso telúrico recorda-nos continuamente o caminho a seguir.

Agora, paremos por uns minutos em casa, a fim de tentar uma síntese do que vimos através dos voos de pássaro e helicóptero, *à volta* do horizonte de nossa vida cotidiana. Mesmo sem uísque e tira-gosto poderemos filosofar um pouco, degustando o "amor da sabedoria" e os ingredientes que a vida nos oferece.

Como integração dos fatores vivos e não vivos do meio, o mundo natural põe em relevo a ordenação teológica (o "plano" do Criador) e teleológica (finalidade das coisas) dos vários reinos da natureza.

O *reino mineral* dos seres inertes ou daqueles com atividades químicas, radiológicas e energéticas, ordena-se para o reino vegetal, que, por constituir-se de seres vivos, lhe é superior. O metabolismo das plantas transforma em vida o que o ar, a água e o solo lhes dão. Humanizando um pouco esse reino tão fascinante de clorofila e cores, poderíamos falar também em "qualidade-de-vida para os vegetais", vítimas, hoje em dia, de injustificáveis maus-tratos e absurdas devastações com que os tiranizamos.

O *reino vegetal* ordena-se para o reino animal, que lhe é superior nas formas de vida e na mobilidade. É infundável a classificação dos herbívoros, mais numerosos em espécies e indivíduos do que os carnívoros. A potencialidade do vegetal a serviço do animal é incalculável e o próprio animal-homem não a explorou suficientemente para seu uso, apesar de que as crescentes tendências vegetarianas em alimentação e medicina manifestarem o apreço que devemos ao reino vegetal. É oportuno recordar que os inestimáveis serviços dos vegetais não se limitam à cadeia alimentar; outras contribuições, por exemplo, as industriais e as estéticas, têm grande sentido na aferição da qualidade-de-vida das comunidades.

O *reino animal* dos irracionais ordena-se para o reino dos racionais, a despeito de péssimo uso que amiúde o homem faz de suas prerrogativas. Já no âmbito daquele maravilhoso mundo zoológico podemos assistir à concorrência dos mais fortes contra os mais fracos, dos mais ágeis contra os mais lentos. A todos eles se impõe o animal-homem, que aprisiona ou subjuga os outros animais para seu deleite e descarga de seu trabalho, ou abate-os para seu sustento e remédio. Apesar dos muitos milênios decorridos, o animal racional ainda não descobriu, nem as explorou, todas as potencialidades do reino zoológico para o seu serviço; em troca, conseguiu exterminar muitas espécies, destruindo assustadoramente o equilíbrio ambiental.

E afinal, o *reino humano* para que se ordena? Omitindo aqui qualquer alusão ao transcendente, limitamo-nos a acreditar que, nesta vida temporal e planetária, o reino humano ordena-se para si mesmo através do cultivo dos valores e aspirações superiores. Historicamente, contudo, o Homem tem sido o grande predador, que destrói a Natureza e compromete o seu semelhante de forma por vezes catastrófica, concretizando o velho provérbio medieval: *Homo homini lupus*, um homem é lobo para outro homem.

Entrementes, o equilíbrio num ecossistema requer as mais curiosas e contraditórias figuras. Para que haja processos vitais e transformações energéticas, é indispensável no Meio Ambiente a presença de "produtores", "consumidores", "decompositores", "inimigos", e "predadores". As sucessivas ordenações dos diferentes reinos da natureza baseiam-se neste estranho jogo de vida e morte do qual, em princípio, deve resultar uma evolução das formas de vida sobre o planeta. É competência exclusiva do nosso intelecto orde-nador entender e conduzir processo tão movediço e intricado, em consonância com as leis dos Cosmos.

Contrastando com esta formidável complexidade dos ecossistemas, surge a aparente simplicidade dos processos ou funções vitais, que o Meio Ambiente deve prover com os componentes básicos requeridos pela qualidade-de-vida. O *fato biológico* apoia-se nos seguintes processos organizativos: nutrição, reprodução, proteção.

Nutrição: através deste processo, o Meio Ambiente proporciona ao ser vivo matéria e energia para construção do organismo e realização das atividades que lhe são próprias. A matéria orgânica é fundamental: se não existe em compostos, deverá ser sintetizada organicamente. Por isso, toda atividade vital na Terra depende da capacidade de síntese da matéria orgânica, da existência de luz e clorofila. Ligadas ao processo de nutrição, aparecem a digestão, a absorção, a respiração, a circulação, a calorificação e a excreção. Entre esses fenómenos são proeminentes a liberação de energia e a formação da cadeia alimentar, processos nos quais se evidencia a ordenação dos vários reinos da Natureza, um para o outro.

Reprodução: deste processo depende a continuidade da vida na Terra quer no âmbito total do planeta, quer em determinado *habitat*. Necessita dos mais variados fatores físicos, e supõe diferentes tipos de relações entre vegetais, entre animais e entre uns e outros. É patente que a intervenção do Homem pode causar profundas alterações ecológicas enquanto modifica ou elimina os fatores que concorrem para a reprodução.

Proteção: ela garante a sobrevivência dos indivíduos e espécies mediante os mais variados recursos e funções. Este processo parece muito exterior ao ser vivo, algo que lhe vem de fora; sem embargo, ele se refere aos fatores que asseguram as *condições de vida*, assim como a capacidade do ser vivo para adaptar-se, continuamente, dentro de limites biologicamente suportáveis. No domínio puramente biológico, a *habituação* vem a ser a adaptação de um ser vivo aos dados do Meio Ambiente, de tal forma que este não exerça mais nenhuma influência perturbadora. Entretanto, para além da proteção meramente biológica, de si já tão ameaçada, permanecem outras inquietantes indagações sobre a proteção ou desproteção em que vive o Homem, relativamente ao mundo que ele vem "criando". Com efeito, o animal-homem, industrioso e de ilimitada capacidade de improvisação, vem interferindo no equilíbrio ambiental, substituindo processos naturais por artificiais no manuseio da energia e outros

setores da Natureza. Em seu estado primitivo, o Homem tinha pouca mobilidade, mas gozava da proteção da Natureza; desde que passou a manipulá-la, ele tem a pagar o preço de sua mobilidade e criatividade, preço este traduzido em graves riscos até para sua sobrevivência. Daí resulta um como que "estado de permanente emergência" provocado pela expansão da tecnologia e que outro tipo de tecnologia deve contrabalançar, compensando os estragos com a reparação, os danos ao Meio Ambiente com a sua preservação.

Não é momento para detalharmos os processos vitais; trata-se apenas de relacioná-los com o *fato biológico*. O mundo da Natureza está povoado de personagens que atuam na realidade dinâmica da vida. Ele oferece ao Homem, principal protagonista, toda sorte de insumos para a organização biológica da sociedade humana. "O que é natural é bom". Que comportamento ou que expectativas alimenta o animal-homem, na concretude do seu "soma", nas forças da sua "psique", para comandar tais elementos em função da qualidade de *sua* vida?

Nosso somático e nosso psíquico, sensores da Qualidade-de-vida

Você passou por exames clínicos em muitas oportunidade. Sobre aquela mesa metálica — que nos evoca muitos medos da infância — o "doutor" ausculta, olha, tateia sobre eventuais problemas orgânicos, mede, vira e revira o paciente, "paciente" no verdadeiro sentido da palavra. É um alívio quando ele nos olha por sobre a lente e diz que está tudo bem: "Você está clinicamente étimo". Muito obrigado!

Em casa, sobre o chão nu ou uma esteira, tentamos descontraí-los e fazer algum tipo de relaxamento, porque de relaxamento há muitos tipos. Quem já vive permanentemente relaxado não tem pelo que preocupar-se; quem se preocupa, ao contrário, tem muito porque relaxar-se. O elemento comum aos vários tipos de relaxamento psicossomático é aquele estado semi-fluido, vaporoso, em que sentimos ou *experimentamos o que vai à volta*. É uma experiência sensorial, os sentidos estabelecendo relação com o nosso ambiente.

Convido-o para um auto-exame clínico ou um relaxamento autógeno, chame-o Você como quiser. Proponho um exercício introdutório de auto-ecologia. Não nos prenderemos aos rigores científicos da Biologia Geral; o que nos importa por ora, é sensoriar com nossos recursos psicossomáticos o que põe em risco a qualidade-de-vida.

O *fato biológico* da vida humana desenvolve-se em duas esferas principais: a esfera íntima dos *órgãos vitais*, carinhosamente protegidos pela fisiologia, e a esfera mediadora dos *órgãos sensoriais*, convenientemente adapta-los à comunicação com o mundo exterior. Os *órgãos vitais*, integrantes de verdadeiros *sistemas* — por exemplo, o respiratório, o digestivo, o circulatório, o nervoso, o endocrinológico — cumprem funções e presidem a pró-cessos que atendem notadamente à nutrição e à reprodução. Os *órgãos sensoriais*, também eles articulados em admiráveis circuitos, prendem-se ostensivamente às funções e processos de proteção. Por este motivo os sentidos são os *órgãos da chamada "vida de relação"*.

Esta discriminação é arbitrária, admito. Na realidade, pelo fato de estarem biologicamente organizados na estrutura do mesmo ser vivo, os *órgãos vitais* e os *sensoriais* são interdependentes e mutuamente solidários. Minha intenção aqui é acentuar as "tendências" de cada um no conjunto das atividades

psicossomáticas, em que as funções são distribuídas e seus papéis, definidos. Nem quero dividi-los entre "patricios" e "plebeus", como no famoso apólogo de Menênio Agripa. Em nosso organismo natural nada há a acrescentar ou extrair, os componentes do corpo humano foram feitos uns para os outros, numa perene declaração de amor.

No exame dos componentes da qualidade-de-vida os órgãos sensoriais desempenham papel importantíssimo. A proteção primeira que o organismo tem para si mesmo é assegurada pelos sentidos. Eles representam a infra-estrutura para o conhecimento, têm sua esfera própria de ação e relativa autonomia. O *conhecimento sensorial* é genuína atividade do ser vivo, entra no âmbito da consciência e é requisito para a atividade intelectual. "Nada está no intelecto que primeiro não tenha estado no sentido", afirmam os filósofos aristotélicos.

Os sentidos funcionam, pois, como portas e janelas do organismo. Tudo o que atinge o ser vivo e nele penetra, de certa forma o faz através de um órgão sensorial, com o qual se relaciona direta ou indiretamente. São os sentidos, então, os primeiros *detectores orgânicos* dos componentes da qualidade-de-vida. Acham-se em permanente atividade, embora exijam fases de repouso como qualquer ser vivo. Têm objetos precisos, mas, por força da solidariedade orgânica e do instinto de conservação, zelam pelo bem-estar dos demais órgãos. São sensores e canais dos recursos que o meio oferece para o *jato biológico* daquele indivíduo concreto naquele ambiente concreto. Assim, eles nos ajudarão a elaborar critérios indicativos para avaliarmos a qualidade-de-vida a que estamos sujeitos.

Vamos, então, partir para o exercício da auto-percepção? Você se sente bem relaxado? Parece-me interessante recordar, com ajuda da etimologia, uma série de funções, fenômenos e atributos relacionados aos nossos cinco sentidos. Perdoe-me, desde logo, se alguma vez eu usar "linguagem de bula de remédio": será apenas "amostra grátis".

Deitado de costas sobre o chão, olhos fechados, Você perceberá quão vasto é o universo sensório!. Cada sentido perceberá, por sua vez, o alcance de seus objetos. E nós tomaremos consciência do quanto eles são agredidos, o mais das vezes porque não fomos preparados a utilizá-los bem. Não tenho a pretensão de ditar-lhe um tratado: quero apenas *provocá-lo* para a percepção do próprio âmbito, e logo Você mesmo levantará coisas mais interessantes que as minhas colocações.

VISÃO

*"A vista não se cansa de ver, nem o ouvido se farta de ouvir."*¹⁵⁹

Etimologia

— *Do Latim*

- 1) Verbo: *videre*, ver. Participio: *visum*, visto.
Substantivos: *visus*, vista ou visão (órgão de sentido) e *visto*, visão (ato ou efeito de ver).
Palavras correlatas: *ver* e seus derivados (*rever*, *prever* etc.). *Visível*, *visionário*, *visa*, *visto*.
Vidência, *vidente*. *Vídeo*, *video-fone*, *vídeo-teipe*.
- 2) Verbo: *aspicere*, olhar, espiar. Participio: *aspectus*, olhado. Substantivo: *aspectus*, aspecto, a vista que se tem.
- 3) Verbo: *oculare*, olhar, dar vista. Participio: *oculatum*, olhado. Substantivo: *oculus*, olho (o

globo ocular). Palavras correlatas: *óculos, ocular, oculista*.

— *Do Grego*

1) Verbo: *oráo, vejo, tenho olhos*.

Substantivos: *oráma, vista, espetáculo. Ópsis, vista, visão*.

Ophthalmós, olho, aspecto.

Palavras correlatas: *panorama, sinopse, oftálmico, óptica*.

Livro do ECLESIASTES, capítulo 1, versículo 8.

Você vê pelo vocabulário os muitos *aspectos* que interessam ao sentido da *visão*. Incrível, não é? Todo este rico vocabulário corresponde à maravilha de enxergar.

A vista trabalha com luz, cores, imagens. Na vida moderna, mais do que os outros sentidos, está sujeita aos contrastes frequentes e variados que lhe são impostos por uma gama enorme de sensações. Fisiologicamente, ela reage de acordo com as partículas luminosas, com maior ou menor sensibilidade, e busca adaptar-se ao meio circunstante. Culturalmente, ela é o veículo das formas e expressões visuais que inundam os horizontes urbanos e são direcionadas para a mente humana, por exemplo, através da publicidade. Por falar em publicidade e propaganda, eu as considero uma fornica de violência psicológica sobre o cidadão. E como estamos bombardeados por imagens!

Quando se fala de *poluição visual* podemos entender o mal-estar e a opressão que sente a vista — e conseqüentemente todo o psicossomático — sob o efeito de luzes, cores, formas extravagantes, enfim, todo esse conjunto de fatores negativos que nos agride noite e dia. A desordem, a desproporção, o mau gosto das expressões visuais e os coloridos execráveis são deseducativos, atuam no subconsciente e podem causar irritação ao longo do tempo.

Ambientes sombrios ou com iluminação inadequada acarretam, também, efeitos indesejáveis. Os contrastes são estímulos para agudizar a visão, mas sem exageros.

Os órgãos visuais necessitam repouso e insumos metabólicos para seu bom funcionamento, fatores estes a serem buscados na paisagem e na alimentação. Desejaria enfatizar a importância do verde urbano o qual, entre os muitos benefícios que nos presta, contribui notavelmente para o repouso sensorial. Os "Saltimbancos" reivindicavam: "Deve ter alamedas verdes a cidade dos meus amores". O abuso do vermelho, seja em extensão seja em frequência, pode ser demasiado excitante. O cinza, de si neutro, aplicado em grandes superfícies tem efeitos depressivos. E assim, cada cor e matiz tem sua peculiaridade, porém, nunca será indiferente sob o ponto de vista ambiental.

Com relação aos nossos pobres olhos, a "civilização industrial" reserva-lhes incômodos muito especiais, como as irritações provocadas por gases, fumaças e poeiras; afecções da conjuntiva, ofuscamentos, moléstias causadas por fontes de emissão de radiações não-ionizantes. Apesar de os olhos estarem abertos para enxergarmos, por força do hábito quase sempre estamos desprevenidos, ao sabor dos acontecimentos. São os olhos que menos vêem esses perigos habituais, e quando eles lacrimejam todo o psicossomático já está afetado. Neste caso, é fundamental prever, antever, entrever ou ao menos rever as agressões do meio ao inestimável dom dos olhos e da visão.

AUDIÇÃO

"Ao meu ouvido darás gozo e alegria." "A vista não se cansa de ver, nem o ouvido se farta de ouvir."⁶⁰

Etimologia

— Do Latim

- 1) Verbo: *audire*, ouvir. Particípio: *audittum*, ouvido.
Substantivos: *auditus*, ouvido (órgão do sentido) e *auditio*, audição.
Palavras correlatas: *ouvinte*, *ouvido*. *Audível*, *inaudito*, *auditor*, *audiência*, *auditório*.
Audiovisual, *audiofone*.
- 2) Verbo: *auscultare*, escutar, *auscultar*. Particípio: *auscultatum*, escutado.
Substantivo: *auscultado*: escuta, *auscultação*, espionagem. Palavras correlatas:
escutador, *auscultador*

— Do Grego

Verbo, *akoúio*, escuto, dou ouvidos, ouço. Substantivos: *akoústika*: audição; *oús/otós*: ouvido, orelha. Palavras correlatas: *acústica*, *acústico*, *otite*, *otorrino*, *otorrinolaringologista*.

O ouvido trabalha com vibrações, ruídos, sons. Depois da vista, é o sentido mais sujeito aos contrastes. Devido à sua intensa atividade nervosa, precisa de repouso bastante regular: o silêncio é o repouso da audição.

Ademais, o ouvido colabora na sensação de segurança e equilíbrio. O equilíbrio, por sua vez, mantém corretamente posicionado o organismo humano. É possível que perturbações auditivas sérias influam na coordenação motora, porque, afinal, num organismo os órgãos são solidários. É o caso do labirinto; ele é diferente da audição, não trabalha com vibrações mas, em função de sua estreita ligação com os órgãos da audição, poderia também sofrer disfunções decorrentes dos impactos que o alcançam. Sabemos que hoje em dia os casos de labirintite se tornam mais frequentes.

Os ruídos gerados por maquinismos são constantes e intensos nos grandes centros, chegando a níveis insuportáveis. Constituem o principal fator de *poluição sonora* com grande carga para o tímpano e os decibelímetros.

A qualidade-de-vida requer, mais do que o controle do ruído em níveis aceitáveis, uma reconfortante reaproximação da natureza. Você reparou que as vozes da natureza praticamente não quebram o silêncio? O rumor de uma cascata, o trinar de um pássaro, o zumbir de um inseto, o coaxar de um batráquio, o assobio do vento dão dimensões especiais ao silêncio, fazem parte da sinfonia dos sons naturais que o homem urbano busca com avidez.

60. Primeira citação: Livro dos SALMOS, 50, versículo 10 (Cfr. Bíblia Sagrada, edição da Vulgata). Segunda citação: Livro do ECLESIASTES, capítulo 1, versículo 8.

A Cidade do Homem não poderia ser rica em fontes, parques e praças que recreiam naturalmente os sentidos e subtraem o cidadão da zoadá contínua.

Pelo menos, impõe-se mais rigor no controle dos ruídos urbanos, em sua maioria impunes. Buzina-se demais neste país! O som dentro de automóveis é por vezes ensurdecedor. Há músicas de percussão capazes de criar um clima de transe, o que faz delas uma espécie de droga, afetando o sistema nervoso como um todo. Você não acha que em vez desses decibéis desagregadores, por exemplo, soariam melhor as audições ao ar livre, como descanso das sensações auditivas e um despertar de emoções saudáveis?

GOSTO

"Não distingue o ouvido as palavras e não saboreia o paladar a comida?" ⁶¹

Etimologia

— *Do Latim*

1) Verbo: *gustare*, provar, tomar gosto. Particípio: *gustáum*, gustado, provado.

Substantivos: *gustus*, gosto, paladar; *gustus*, gosto (órgão do sentido).

Palavras correlatas: *gostável*, *gostoso*, *desgosto*. *Degustar*, *de-gustador*.

2) Substantivo: *palátum*, céu da boca, palato, paladar (órgão do sentido).

— Palavras correlatas: *palatal*, *palatável*, *palatolabial*, *palato-lingual*.

(Talvez o termo "palato" — céu da boca ou abóbada palatina — tenha sua raiz na semelhança com as construções palatinas).

3) Verbo: *sápere*, ter gosto, paladar; ter gosto por; ter discernimento.

Substantivo: *sápor*, sabor, gosto, o sentido do gosto. *Sapiéntia*, aptidão, bom paladar, sabedoria. Palavras correlatas: *saborear*, *saboroso*, *insípido* (*insápido*).

Eis o campo dos sabores e de todas as sensações gustativas. Não estamos a pleitear requintes, especialmente num país onde a fome endêmica ainda está longe de ser debelada; porém, é o caso de reclamar qualidade.

61. Livro de JÓ, capítulo 12, versículo 11.

Água e outros alimentos são insumos biológicos independentemente do seu aspecto, sabor ou cheiro. Sua função essencial não é o agradar; todavia, como entram pela boca, por analogia nós os relacionamos com o gosto. A ingestão desses elementos, em estado natural ou artificializados tecnologicamente, pode determinar a qualidade-de-vida. Diz o provérbio que "pela boca morre o peixe"; nós mesmos sabemos experimentalmente quanto custam os pecadilhos da gula. Por isso o gosto devia ser uma sentinela mais atenta ao que pode prejudicar a qualidade-de-vida. O sentido do gosto poderia tornar-se um policial severo, já que incorruptível ele não pode ser...

Não é necessário recordar os efeitos do consumo de águas que trazem contaminação bacteriana

ou química. Hoje em dia multiplicam-se os brados de alerta contra a contaminação de alimentos por agrotóxicos, tais como pesticidas, herbicidas, praguicidas, etc. Cereais, verduras, legumes e mesmo frutas estão lindamente "ricos" em órgão-clorados, órgão-fosforados, carbamatos e outros venenos multinacionais. As pragas entram na cadeia alimentar e, por bio-acumulação, depositam-se nos tecidos adiposos do organismo, podendo provocar os mais variados distúrbios crônicos e agudos.

Você ouviu dizer que o brasileiro come muito e se alimenta mal? Isto se deve a hábitos alimentares culturalmente arraigados que mantêm vastas camadas da população num estado de subnutrição ou em desbalanceamento dietético, com resultantes biológicas e psicossomáticas negativas. Numa linha de "contracultura alimentar" insurgem-se agora as correntes vegetariana, proteica e macrobiótica apresentando-se como guardiãs da qualidade-de-vida. Continua na ordem do dia a velha máxima da sabedoria anônima: "Comer para viver e não viver para comer". Ou então: "Comer pouco para viver muito"⁶². Experimente, se Você estiver disposto. . .

OLFATO

*"Foge, meu amado,
imitando a gazela ou sua cria,
foge para os montes perfumados*."⁶³*

Etimologia

— Do Latim

- 1) Verbo: *olfacere* ou *olfactare*, cheirar, farejar. Participio: *Olfac-tum*, cheirado, farejado.
Substantivo: *olfactus*: ação de cheirar, o olf ato (órgão do sentido). Palavras correlatas: *olfativo, olf ação*.

62 Na realidade, este pensamento parece ter paternidade. Encontra-se em *Retórica a Herênio* de MARCO TULIO CÍCERO (106 a.C. — 43 a.C.) o famoso político e orador de Roma. *Édere opórtet ut vivas, non vivere ut edas*.

63. Livro do CÂNTICO DOS CÂNTICOS, capítulo 8, versículo 14.

- 2) Verbo: *olére*, exalar cheiro, ter cheiro.
Substantivo: *olor, odor, olor* (parece relacionar-se com o azeite de oliva, o verdadeiro óleo, empregado como essência e para ungir os atletas. O azeite exala com muita fragrância).
Palavras correlatas: *oloroso, odorífero, olorizar, odorante, desodorante, inodoro*.
- 3) Verbo: *jr agrar e*, exalar cheiro forte e agradável.
Substantivo: *fragrantia*, cheiro agradável (A palavra *cheirar* formou-se posteriormente do Baixo Latim, associada ao ruído de aspiração forte do ar, por onomatopéia).
- 4) Substantivo: *násus*, nariz (considerado como órgão do olfato). Palavras correlatas: *nasal, nasalização, anasalado, narinas*. A palavra *nariz* provém do Latim vulgar, *narícae*, as ventas.

— Do Grego

- 1) Verbo: *osmáo*, cheirar.
Substantivo: *osmé*, cheiro, odor.
Palavras correlatas: *osmologia* (tratado dos odores) *anosmia* (ausência de olfato).
- 2) Substantivo: *rhin/rhinós*, nariz.
Palavras correlatas: *rinite*, *otorrino*, *rinoceronte* (o que tem chifre no nariz).

O sentido do olfato ocupa-se com os odores, seu objeto específico. Por aproximação, atrelamos algumas funções respiratórias aos órgãos olfativos, com os quais estas mantêm ligações anatômicas e fisiológicas. No seu desempenho, o olfato funciona como um dos detectores da *poluição atmosférica*, para a qual concorrem fatores diferenciados, desde os simplesmente desagradáveis até os altamente tóxicos, tais como gases e certos materiais particulados. Convém notar que há poluentes perigosíssimos completamente inodoros ou com baixa exalação, não sendo, pois, perceptíveis ao olfato.

Há miasmas ou maus cheiros originários de fatores naturais (por exemplo, a putrefação); contudo, não são nem persistentes nem intensos como as emissões produzidas pela atividade humana. A periculosidade ou nocividade das emissões atmosféricas, resultantes das atividades industriais, caracterizam-se pela natureza do poluente e pela sua concentração.

Entre os elementos tóxicos mais corriqueiros nas áreas industriais ouvimos falar de dióxido de enxofre e monóxido de carbono, chumbo tetra-etila e oxidantes fotoquímicos. Os primeiros são originários de combustões industriais, de incineradores, de veículos; o chumbo é proveniente de aditivos para "melhorar" o desempenho de automotores; os oxidantes atuam por efeito sinérgico impondo ou desencadeando novos elementos nocivos. Há também drogas que embotam temporariamente o olfato, provocando a anosmia ou deficiência olfativa.

Além disso, certas atividades produzem maus cheiros que, sem terem necessariamente efeitos tóxicos, são indesejáveis e mesmo prejudiciais. Indústrias químicas, de celulose, frigoríficos e curtumes encontram-se entre os poluidores mais conhecidos, tornando insuportável sua vizinhança dentro de um extenso raio. Os famosos "lixões", descargas a céu aberto de lixos domiciliares e outros resíduos sólidos, despreendem odores pestilenciais, alimentam nuvens de moscas e vetores de doenças.

Em menor escala, outros focos de sujeira são contraditórios, como consequência natural de concepções culturais e maus hábitos de higiene. Além de ferirem a estética visual, agredem a mucosa nasal e concentram forte poder de contaminação e transmissão de doenças.

No que diz respeito ao olfato, o Homem tem esse sentido pouquíssimo desenvolvido, se o compararmos com outros animais, por exemplo, os insetos, que são capazes de sentir odores específicos a quilômetros de distância. Por aí se explicam entre eles as atrações sexuais provocadas pelo cheiro de secreções, a localização de alimentos, e outras serventias do olfato para esse grande universo de bichinhos. Lembremos ainda inestimável colaboração do cachorro que, com o seu faro, é fiel companheiro do homem nos perigos que este corre. Neste caso, a "inferioridade olfativa" do ser humano é compensada com outros recursos que a Natureza lhe oferece.

Vale lembrar, por fim, que qualidade-de-vida requer o oxigênio, o saneamento do ar e, quanto possível, o acesso aos bons odores da natureza. A proximidade de parques e áreas verdes, o

balsâmico das flores constituem o repouso olfativo de que o homem das grandes aglomerações necessita para viver bem, mais do que para simplesmente viver.

TACTO

"Não toqueis em coisa impura."

"E todos que o tocavam ficavam curados."⁶⁴

Etimologia

— *Do Latim*

1) Verbo: *tango*, tocar, palpar (etimologicamente nada tem a ver com o tango portenho). Particípio: *tactum*, tocado, apalpado.

Substantivo: *tactus*, ação de tocar, o tacto (órgão de sentido).

Palavras correlatas: *táctil*, *tatear*, *tangimento*, *tangível*, *tangencial*, *tangente*. v

64. Primeira citação: Livro de ISAIAS, capítulo 52, versículo 11.

Segunda citação: EVANGELHO DE MARCOS, capítulo 6, versículo 56.

2) Verbo: *palpare*, tocar levemente com as mãos, palpar, acariciar. Particípio: *palpatum*, palpado, acariciado. Substantivo: *palpátio*, apalpadela, toque com a mão. Palavras correlatas: *apalpar*, *palpável*.

Mais difuso fisiologicamente do que os outros sentidos, o tacto é a vasta rede destinada a colher as sensações de superfície. A pele, seu principal instrumento, desempenha-se também como excretor e termo-regulador, e é a grande cobertura de proteção do organismo. Através do tacto experimentamos as sensações de frio e calor, pressões leves e fortes, carícia e dor. A vida moderna inundou a praça de diferentes alergias dérmicas e moléstias cutâneas, em cuja raiz encontram-se fatores ambientais e não poucos de origem psíquica (por exemplo, tensões).

Organizado primariamente para colocar-nos em relação com o mundo exterior e ajudar-nos a perceber as propriedades do Meio Ambiente, por extensão o tacto associa-se às sensações de fadiga e bem-estar, às de espaço e de movimento. É ele o sentido mais exposto às intempéries e aos trabalhos rudes: por isso, talvez, será o mais "aclimatado" dos sentidos em virtude de processos homeostáticos.

Por sua constituição mesma, o tacto nunca repousa. Concedemos-lhe uma relativa folga se conseguimos minimizar as sensações perturbadoras. Então, acenamos-lhe com a descontração, a temperatura agradável, o relaxamento, a prática desportiva. Nós o compensamos do forte condicionamento de ambientes e posturas, do frenesi da velocidade, da vida sedentária, da trepidação.

É interessante notar o seguinte: a mesma austeridade que fez o homem sobreviver e aperfeiçoar-se, como espécie animal, aponta o excessivo conforto, a moleza e o comodismo como fatores nocivos à verdadeira qualidade-de-vida. Tais excessos da vida moderna são inimigos da *mens sana in corpore sano*, e daquela higidez clássica dos gregos — dom de Hígia, deusa da saúde — que até hoje nos

causa inveja.

E O PSICOSSOMÁTICO?

Segundo a filosofia de Aristóteles, o Homem — esse microcosmo irrequieto — resume em si os três tipos de vida: a *vegetativa* (como a das plantas), a *sensitiva* (como a dos animais) e a *intelectiva* ou *racional*, sua marca registrada. Melhor do que três *tipos* de vida, diríamos que é a mesma vida com *tríplice função*.

Lembra-me aqui uma advertência do sábio Pascal: "Quis a Natureza que o Homem não fosse nem animal nem anjo. Se ele insiste em ser anjo acabará por tornar-se animal"⁶⁵. Não me recordo do contexto desta citação, mas isto é de somenos importância. A chamada de atenção do sábio matemático — que era homem profundamente religioso — nos remete para esta realidade *organizada*, mais do que simplesmente orgânica, que é o ser humano. Os astronautas russos não encontraram Deus no espaço cósmico, nem os cirurgiões encontraram a alma humana na ponta do bisturi. Eu penso que seria muito pequenino reduzir o Cosmos a uma simples explosão da matéria, como reduzir a beleza e a potência do Microcosmos a u'a mera ação proteica. Se não houvesse um "algo mais", que sentido teria a qualidade-de-vida?

A vida, como *fato existencial*, clama por muito mais, clama pelo infinito. Não obstante, dentro da nossa própria realidade bioconstitucional, encaramos as funções vegetativas e sensitivas como suporte para as funções intelectivas e racionais. Daí, a grande importância que assume o *psicossomático*.

Para terminar a nossa experiência sobre o *fato biológico* da vida humana, dentro das coordenadas da qualidade-de-vida, cabe uma referência complementar à esfera psíquica que atua visceralmente ligada ao somático.

O que os sentidos captaram e transformaram numa espécie de conhecimento, está sendo convertido em sensação, emoção, ação e reação. São fenômenos de fundo orgânico, entrelaçados no temperamento de cada qual, mas assim mesmo vão alimentar os diferentes sentimentos dos indivíduos. São manifestações vitais de cada pessoa, e em cada um o grau de consciência varia muito. O Homem não é apenas um animal pavlovianamente condicionado, comportamentista cego: ele é consciente planejador, capaz de dirigir os meios para a obtenção dos fins. É o único "animal histórico". Esta sua prerrogativa deve ser valorizada para que ele saiba dispor os recursos *à sua volta a fim* de bem disciplinar-se, ele próprio, e assegurar-se uma qualidade-de-vida em padrões satisfatórios.

De um lado, a multissecular história da depredação do Meio Ambiente e o malbarato de tantos recursos naturais. De outro, a alucinação da tecnologia. De outro, ainda, o comodismo egoísta, exacerbado pelos velhos instintos insubmissos. Em meio a tudo isso, o animal-homem arrisca-se a perder o sentido do que é realmente bom para ele. Paradoxalmente, não há outra perspectiva a não ser ele próprio; unicamente ele pode, e deve, cuidar de si.

4. QUE CONCLUSÕES PODEMOS TIRAR. POR ORA?

A sessão de relaxamento terminou, nosso exercício de auto-ecologia chega ao fim. Antes de nos separarmos por hoje, Você e eu deveríamos chegar a algumas conclusões, mesmo que provisórias. Na Metodologia Científica chamamos as conclusões provisórias de "hipóteses de trabalho": se não as temos como definitivamente certas, ao menos elas servirão de instrumental para continuarmos a pesquisa até que seja possível estabelecer a nossa "tese".

As Ciências do Ambiente engatinham apenas. Nós, como principiantes, somente balbuciamos pensamentos incertos, mas, como todas as crianças temos a garra do instinto para crescer e afirmarmo-nos oportunamente. Somos biontes ajuizados que pretendemos progredir. Depois destas poucas horas de convívio em que trocamos ideias e juntos procuramos investigar escaninhos da Natureza, Você acha que podemos levantar algumas modestas "hipóteses de trabalho"? Digo que sim, é preciso arriscar: "Quem não arrisca não petisca", e é nosso propósito petiscar alguns bocados válidos para o equacionamento de problemas ambientais e qualidade-de-vida. Ânimo, pois, e não fique muito preso à modéstia, não!

65. BLAISE PASCAL (1623-1662). Físico, matemático e filósofo francês. Deixou vasta obra escrita, científica e literária, preparando o classicismo francês.